



CHARGE DA SEMANA



André Pomponet

Paisagens do Rio sob intervenção I

André Pomponet - 07 de maio de 2018 | 11h 57

Há dois meses o Rio de Janeiro convive com a intervenção federal na sua segurança pública. A medida foi anunciada como uma grande sacada de Michel Temer (MDB-SP), o mandatário de Tietê, para alavancar sua candidatura à presidência da República. Os resultados apresentados até agora são pífios – segundo a imprensa, a violência cresceu – e nada sinaliza que a situação vá melhorar até dezembro. Mesmo assim, bilhões de reais serão torrados com a iniciativa marqueteira.

Enquanto isso, cariocas e fluminenses tentam tocar a vida com a máxima normalidade possível. Quem se aproxima do estado pela Via Dutra – a rodovia que une Rio e São Paulo, as duas maiores cidades do País – e envereda no estado pelo Sul, extasia-se com os recortes dos parques nacionais do Itatiaia e da Bocaina e se encanta com o rio Paraíba do Sul e sua caudalosa torrente. A beleza e a quietude impressionam.

Adiante, pelo campo, sucedem-se casarões nos campos férteis, radiosamente iluminados pelo sol no céu de azul puríssimo. São relíquias dos tempos em que a lavoura cafeeira foi se irradiando a partir de São Paulo, forjando a prosperidade que, durante décadas, sustentou o comércio exterior brasileiro.

Mais adiante – enquanto se sucedem Resende, Porto Real, Barra Mansa – o capim verdejante se mescla a vestígios de Mata Atlântica: imensas árvores que oferecem uma sombra hospitaleira, úmida, agradável. Também é visível o movimento às margens da BR 116 – com seus postos de combustíveis, oficinas, lojas de autopeças, restaurantes e churrascarias – e a relativa pujança das economias daqueles municípios.

Baixada Fluminense

Depois de se deslumbrar, extasiado, com a indescritível beleza da Serra das Araras – trecho íngreme de cinematográficas curvas acentuadas entre Mangaratiba e Pirai – o viajante vai, aos poucos, se aproximando da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. O percurso pela Baixada Fluminense – Queimados, Nova Iguaçu, Belford Roxo e São João do Meriti – evidencia os nítidos contrastes que fraturam a sociedade carioca.

Aqui ou ali ainda há algum resquício de Mata Atlântica. Mas as aglomerações de casebres vão se adensando, originando intermináveis favelas que desafiam morros íngremes, vales profundos e trechos úmidos de mangue. Riachos convertem-se em canais que escoam detritos. E paredes sem revestimento – de tijolos nus –, longas tubulações que lançam dejetos, improvisadas canalizações de água e toscos postes que sustentam a rede elétrica atestam a precariedade daquelas moradias.

COLUNISTAS



César Oliveira

Nome de pessoas vivas
logradouros públicos e
que vem tardias.

Metade dos inscritos n
da UFEFS são para o Cur

Medicina



André Pomponet

Paisagens do Rio sob ir

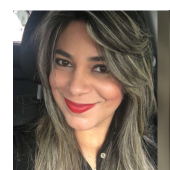
O impacto da mortalid
masculina sobre a dem
feirense



Valdomiro Silva

Bahia mostra evolução
frente ao limitado Sant

Bahia campeão, mereci
Vitória escreveu sua tr
insana atitude de Kanu



Emanuela Sampaio

A simpatia do casal Ma
Eliana Costa

Mari Melo: nova publici

AS MAIS LIDAS HOJE

1

Naquele trecho avolumam-se galpões abandonados que já abrigaram empresas; ruas comerciais fervilham, atendendo a clientela pobre; o apelo religioso é onipresente, porque as igrejas, com suas mensagens em placas e *out doors*, se multiplicam. E, pela BR 116, o trânsito local condensa-se ao infundável ir e vir de carretas possantes.

Zona Norte

São João do Meriti – densa aglomeração urbana cujo comércio é febril – prenuncia o Rio de Janeiro. Um longo trecho de mangue – no qual boiam milhares de garrafas plásticas, sacos plásticos e repousam até sofás – precede a Pavuna, o primeiro bairro da imensa periferia que é a Zona Norte do Rio de Janeiro. A partir dali as favelas se adensam, numa região cuja constante planície camufla a miséria.

Dali até São Cristóvão – onde desde sempre desembarcaram os migrantes nordestinos – o viajante começa a testemunhar a dinâmica da exclusão. Afinal, deixa a BR 116 e percorre a Avenida Brasil, que margeia Vigário Geral, Braz de Pina, Penha, Ramos, o Complexo da Maré e Bonsucesso, até alcançar São Cristóvão, cuja feira-livre é afamada.

Nesse percurso o cenário atesta a exclusão cruel: milhares de barracos minúsculos se sucedem, enveredando por morros, margeando caudalosos riachos convertidos em esgoto, acomodando-se em desconfortáveis barrancos. Nos trechos mais prósperos viceja o comércio popular, com seus mercados, açougues, padarias, clínicas, restaurantes que servem prato feito e birosacas que abrigam gente que bebe cerveja e espera o tempo passar.

Crise

Somente a partir da Ilha do Governador – que abriga a Universidade Federal do Rio de Janeiro – é que o turista convencional começa a reconhecer o Rio de Janeiro que incendeia o imaginário. Há mais transporte e o infundável suceder de favelas contracenando com dezenas de empresas que gravitam num circuito de maior prosperidade. A partir dali as placas já indicam os familiares destinos turísticos: a Zona Sul, o centro revitalizado, Niterói, o Maracanã, a Quinta da Boa Vista.

Mesmo assim, os desdobramentos da terrível crise econômica – que afetou, sobretudo, o Rio de Janeiro – permanecem visíveis: dezenas de moradores de rua abrigam-se, em grupos, em viadutos malcuidados, carregando seus magros pertences. Não são apenas usuários de drogas: muitos foram abalroados pela crise implacável e, sem alternativa, vagam pelas ruas à espera de uma incerta oportunidade no futuro.

Mas o Rio de Janeiro, evidentemente, não se esgota nessa leitura. Sobretudo a capital fluminense, que permanece deslumbrante, apesar de todas as mazelas que lhe vem sendo impostas nas últimas décadas. Mas isso é assunto para outro texto...

Vinte anos após saída do grupo É o Tchê, Perez desabafa em rede social: 'Eu perdi tudo'

2 SUS realiza semana de Mobilização pelas Mulheres

3 Mega-Sena pode pagar prêmio de R\$ 2 bilhões nesta semana

4 Inscrições no Enem começam segunda



LEIA TAMBÉM

André Pomponet

O impacto da mortalidade masculina sobre a demografia feirense

Chuvas reanimam agricultor familiar

A rotina agitada da Praça do Tropeiro

[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)

Tribuna Feirense © 2018. Todos os direitos reservados

